



Turismo Comunitário Sustentável no Lago Zé Açu no Município de Parintins (AM)

Edilson da Costa Albarado¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1417-8419>

Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4249-7142>

Resumo

O artigo socializa uma experiência de turismo comunitário desenvolvida pela Cooperativa de Agroturismo e Sustentabilidade Socioeconômica e Ambiental de Comunidades do Zé Açu/COOPAZÇU. Desde 2014 a entidade organiza roteiros e pacotes turísticos para visitas às belezas naturais do lago Zé Açu, e para interação dos visitantes com o modo de vida desse povo amazônida. Essa iniciativa contou com o apoio do Projeto de Pesquisa “Educação Ambiental para o Turismo Comunitário Sustentável em Comunidades Rurais Ribeirinhas”, financiado pelo Observatório de Economia Criativa do estado do Amazonas/OBEC-AM, realizado no período de 2013 a 2014, junto às comunidades localizadas às margens do lago Zé Açu, município de Parintins/AM. A tessitura analítica do texto foi construída em diálogo com Ignarra (2003), Faco e Naiman (2010), Ramalho, Silva e Rabinovici (2010), Neiman e Rabinovici (2010) e Peralta (2012). Como resultado da análise dos dados e do diálogo com os(as) autores(as), este texto apresenta o processo de construção do levantamento de atrativos turísticos e da proposta de implementação do turismo comunitário, bem como a elaboração de pacotes e de calendário turísticos e a descrição das primeiras visitas turísticas resultantes da implementação do turismo comunitário no território do lago Zé Açu pela COOPAZÇU.

Palavras-Chave: Potenciais turísticos; Comunidades Ribeirinhas; Turismo comunitário; Amazônia

Sustainable Community Tourism at Lake Zé Açu in the Municipality of Parintins (AM)

Abstract

The article socializes an experience of community tourism developed by the Cooperative of Agrotourism and Socioeconomic and Environmental Sustainability of Communities of Zé Açu/COOPAZÇU. Since 2014, the entity organizes itineraries and tour packages for visits to the natural beauties of Lake Zé Açu, and for visitors to interact with the way of life of those Amazonian people. This initiative was supported by the Research Project “Environmental Education for Sustainable Community Tourism in Rural Riverside Communities”, funded by the Creative Economy Observatory of the state of Amazonas / OBEC-AM, carried out from 2013 to 2014, with the communities located on the shores of Lake Zé Açu, in the municipality of Parintins/AM. The analytical texture of the text was built in dialogue with Ignarra (2003), Faco and Naiman (2010), Ramalho, Silva and Rabinovici (2010), Neiman and Rabinovici (2010) and Peralta (2012). As a result of data analysis and dialogue with the authors, this text presents the construction process of the survey of tourist attractions, the proposal for implementing community tourism, as well as the elaboration of

¹ Pedagogo. Estudante de doutorado em Educação no PPGED/UFGA. Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES. E-mail: edilsonalbarado@gmail.com

² Pedagoga. Doutora em Educação pelo PPGED/UFGA. Universidade Federal do Amazonas. E-mail: meov06@yahoo.com.br





tourist packages and calendar and the description of the first tourist visits resulting from the implementation of community tourism in the territory of Lake Zé Açu by COOPAZÇU.

Keywords: Tourism potential; Riverside Communities; Community tourism; amazona.

Tramitação:

Recebido em: 21/07/2022

Aprovado em: 21/11/2022

Introdução

O turismo comunitário se apresenta como uma alternativa de desenvolvimento sustentável para região do médio e baixo Amazonas pelo fato de esse tipo de turismo ter, dentre outros objetivos, a conservação ambiental e cultural concomitante à geração de recursos financeiros para comunidades rurais e/ou ribeirinhas, por meio da prestação de serviços, venda de artesanato e de pratos da culinária local. Trata-se de uma contraposição ao “turismo predatório” disfarçado de ecológico e sustentável.

O turismo predatório é patrocinado por grandes agências e empresas hoteleiras que contam com apoio governamental e promovem um turismo com aparência comunitária, ecológica e sustentável. Essa modalidade de turismo não trouxe e, dificilmente, trará benefícios sociais, ambientais e econômicos para os povos que recebem os(as) visitantes. O que se tem percebido é que a atividade no que tange à sustentabilidade ambiental e social promove a minimização dos impactos ao meio ambiente e a contratação de alguns serviços dos residentes, todavia não tem contribuído com a conservação/preservação dos recursos naturais como determinam as leis ambientais; e, além de usar/explorar os povos originários, pouco ou quase nada repassam dos lucros da atividade para eles.

As comunidades do médio e baixo Amazonas oferecem atrativos cujo potencial turístico até bem pouco tempo não era percebido como tal pelos(as) próprios(as) comunitários(as). Na lista desses atrativos constam as moradias típicas, os costumes, as tradições alimentares e medicinais e a maneira de manejar os recursos naturais, os quais revelam valores como o companheirismo e a solidariedade entre eles/as, o respeito e o



cuidado para com a natureza. Esses povos ainda cultivam o *bem viver*³, pois, mesmo usando as riquezas naturais para garantir a existência no território, fazem isso com inteligência, cuidado e respeito, a fim de que o meio ambiente e os seres que nele vivem continuem existindo na vida das presentes e futuras gerações.

Este texto desvela como o turismo comunitário deve ser realizado a partir da experiência de implementação dessa atividade pela Cooperativa de Agroturismo e Sustentabilidade Socioeconômica e Ambiental de Comunidades do Zé Açú/COOPAZÇU em cinco comunidades do lago Zé Açú.

O lago Zé Açú e as comunidades ribeirinhas do seu entorno, localizadas no município de Parintins (AM), no estado do Amazonas, oferecem um ambiente agradável e acolhedor. As águas escuras do lago ajudam a compor belíssimas paisagens, praias, florestas de terra firme e de áreas inundadas. A flora local fornece rica diversidade de frutas e frutos silvestres, flores comestíveis e ornamentais, plantas medicinais e significativa amostra de Plantas Alimentícias Não Convencionais/PANC's. A fauna, bem conservada, possibilita a sobrevivência de pássaros, répteis e demais espécies da biodiversidade amazônica. Os(as) comunitários(as) ainda mantêm diversas manifestações culturais: danças típicas, diferentes tipos de artesanato, culinária amazonense, e outros atrativos também identificados como turísticos pelo Projeto de Pesquisa Educação Ambiental para o Turismo Comunitário Sustentável em Comunidades Rurais Ribeirinhas, realizado com apoio financeiro da Pró-Reitoria de Inovação Tecnológica da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, do Observatório de Economia Criativa do Amazonas/OBEC-AM. O projeto fez um levantamento dos atrativos comunitários com potencial turístico, no período de janeiro a abril de 2014, por meio de visitas ao território que possibilitaram a realização de entrevistas com os nativos e o registro fotográfico desses atrativos.

A decisão em desenvolver o turismo comunitário no lago Zé Açú surgiu da preocupação dos próprios comunitários, principalmente, dos que moram na comunidade Nossa Senhora do Nazaré. As lideranças dessa comunidade, desde 2000, vêm desenvolvendo

³ O *bem viver*, enquanto soma de práticas de resistência ao colonialismo e às suas sequelas, é ainda um modo de vida de várias comunidades indígenas que não foram totalmente absorvidas pela modernidade capitalista ou que resolveram manter-se à margem dela (ACOSTA, 2016).





ações organizadas de conservação e preservação das riquezas naturais do lago Zé Açú: plantio de espécies da flora local para recomposição da vegetação nativa das margens do lago e coleta de resíduos sólidos descartados nas águas de margens do lago tanto por visitantes como pelos próprios comunitários.

Assim, almejando cuidar dos recursos naturais do lago, das culturas locais e implementar uma nova fonte de renda, os(as) ribeirinhas(os) do Zé Açú tomaram a decisão de promover um turismo comunitário sustentável na localidade. As discussões iniciaram em 2014 com os comunitários de Nossa Senhora de Nazaré. Após mais de dois anos de debates, reuniões, cursos de cooperativismo, cursos de liderança e a realização de várias assembleias, as lideranças decidiram que o primeiro passo para efetivar o turismo comunitário seria criar uma cooperativa. Assim, surgiu a Cooperativa de Agroturismo e Sustentabilidade Socioeconômica e Ambiental das Comunidades do Zé Açú/COOPAZÇU.

O objetivo da COOPAZÇU é desenvolver atividades de geração de renda, conservar as riquezas naturais, organizar os comunitários em suas produções familiares para empreender, realizar cursos de capacitação, e desenvolver o turismo como uma das atividades para a geração de renda, por isso, tem buscado promover o turismo comunitário sustentável, oferecendo pacotes turísticos a turistas locais, regionais e até internacionais.

As discussões para criação da cooperativa reavivaram as experiências de educação ambiental, e ativaram na memória dos(as) participantes a necessidade de preservação e de conservação das riquezas naturais e culturais de todo o território. As lideranças das demais comunidades, a exemplo das de Nossa Senhora de Nazaré, começaram a propor a retomada das ações de sensibilização dos(as) visitantes e dos(as) próprios(as) moradores(as) para cuidar da natureza. Aos poucos ressurgiram iniciativas como a visitação dialogada, o reflorestamento das margens do lago Zé Açú e de suas nascentes com espécies nativas, a coleta de resíduos sólidos nas margens do lago, o desenvolvimento de campanhas de sensibilização junto aos proprietários de embarcações de recreio e aos(as) moradores(as) para não descartarem resíduos sólidos no lago, a motivação em mulheres e jovens para produção de artesanato, a volta ao cultivo de mais frutas e raízes nos quintais que pudessem ser oferecidas aos visitantes como alimento e/ou remédio caseiro e o reavivamento das manifestações culturais locais: cantos, danças e de narrativas sobre o lago, sobre as matas, sobre os seres encantados, sobre





as personalidades das comunidades, dentre outras, ou seja, foram retomadas as estratégias de *bem viver* dos mais antigos: cuidar do ambiente natural, valorizar as culturas locais e manter viva a identidade deles(as) enquanto ribeirinhos(as) amazônidas.

A fim de desvelar o resultado da análise do processo de construção da experiência de turismo comunitário desenvolvido pela COOPAZÇU na perspectiva da sustentabilidade, este texto foi organizado em três momentos. No primeiro momento, apresentamos alguns dados sobre o município de Parintins/AM, com destaque para o lago Zé Açu, onde estão localizadas as cinco comunidades base empírica dos dados aqui analisados. No segundo, citamos os conceitos básicos e as características do Turismo de Base Comunitária/TBC. No terceiro, socializamos a cartografia dos atrativos com potencial turístico das cinco comunidades pesquisadas. No quarto momento, relatamos como ocorreram duas práticas turísticas comunitárias, e, por fim, analisamos os dados e tecemos algumas considerações sobre a importância desse tipo de experiência para comunidades ribeirinhas amazônicas.

Parintins, cidade turística

Vila Bela da Imperatriz foi um dos primeiros nomes de Parintins que foi elevada à categoria de município no dia 25 de dezembro 1980, por meio da Resolução n.º 449 de 30 de outubro de 1980. Recebeu esse nome em homenagem aos primeiros habitantes, os indígenas Parintintin. O município está localizado na 9ª sub-região, no baixo Amazonas, na margem direita do rio Amazonas, distante da capital do estado, cidade de Manaus, 369 km em linha reta e 420 km via fluvial, com a coordenada geográfica, latitude sul - 2º 36'48" e longitude oeste - 56º44', (veja imagem 01), estando 50 metros acima do nível do mar (SOUZA, 1998).

A geografia do município é marcada por paranás, furos e lagos que servem de estrada para os(as) moradores(as) das comunidades rurais, além de oferecer belas paisagens naturais, como praias e florestas alagadas; diversidade de pescado, de pássaros, de quelônios, e de outros inúmeros animais silvestres, fundamentais para a existência dos povos amazônidas que vivem nesse território.

O lago Zé Açu é um dos recursos de água doce de Parintins (veja imagem 02), e está localizado a uma distância de 11 km aproximadamente da sede do município. Com área de

126.923 km², a calha principal compreende 19,512 km de extensão linear, com nascente a - 56°33'13" W e -2°44'7", e a foz entre - 56°39'42" W e - 2°38'15" S (PACHECO, 2013).

Imagem 01: vista aérea da cidade de Parintins



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Imagem 02: vista aérea do lago Zé Açú



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

O município, segundo maior do estado do Amazonas em densidade populacional, é um atrativo turístico natural com potencial para o desenvolvimento de Turismo de Base Comunitária. A cidade de Parintins é conhecida como ponto turístico nacional e até internacional por estar rodeado por florestas, terras e águas, e por abrigar povos tradicionais quem ainda mantêm a cultura do *bem viver*. Ao longo do ano, mais de uma dezena de navios transatlânticos aportam na ilha com turistas do mundo todo, que visitam a cidade e a comunidade da Valéria – onde há vestígios cerâmicos da presença de indígenas. Além da riqueza natural inerente ao bioma amazônico, todos os anos na cidade é realizado, no último final de semana do mês de junho, o Festival Folclórico dos Bumbás Caprichoso e Garantido, considerado a maior manifestação folclórica e cultural do estado do Amazonas e da região Norte. Durante o festival, a cidade recebe cerca de 50 mil turistas.

Mesmo com toda essa circulação de visitantes, os gestores estaduais e municipais não estabeleceram ainda uma política pública para o turismo em comunidades ribeirinhas, nem tampouco iniciaram qualquer discussão para que os próprios residentes sejam protagonistas desde o planejamento à execução de um turismo alternativo, comunitário, sustentável ambientalmente, socialmente e economicamente.



O governo do estado, por meio da mídia local e nacional, propaga altos investimentos no ecoturismo, contudo esses investimentos não são para cooperativas e/ou outras formas de organização dos povos tradicionais e/ou ribeirinhos para desenvolver o turismo local, mas sim para as agências de turismo e de grupos empresariais que transformaram o ambiente amazônico em um mercado turístico promissor e rentável (RIBEIRO, 2013).

Turismo de Base Comunitária

O Turismo de Base Comunitária/TBC, ou turismo comunitário, surge na década de 1990 e foi pensado como mais uma estratégia de resistência e de existência nos territórios tradicionais, para combater e/ou frear o desmatamento das matas ciliares e dos poucos fragmentos de floresta que ainda existem nas comunidades. O fundamento dessa modalidade é que os residentes têm o controle de toda a atividade, inclusive a de gerenciamento (MITRAUD, 2003; PERALTA, 2012). É uma modalidade que se apresenta como uma alternativa econômica e cresce ano após ano no Brasil, segundo o Ministério do Turismo:

[...] aos poucos, o agricultor vem deixando de ser somente um produtor de matéria-prima e descobre a possibilidade de desenvolvimento de atividades não-agrícolas, como é o caso do turismo. Sob essa perspectiva, se assiste ao crescimento da atividade turística no meio rural devido especialmente ao caráter transversal, dinâmico e global do turismo, capaz de impactar as várias dimensões que afetam os processos de desenvolvimento de setores, atividades e territórios (BRASIL, 2010, p. 11).

Na Amazônia, esse turismo rural ou Turismo de Base Comunitária/TBC, como destaca Peralta (2012), cresce nas comunidades tradicionais de várzea e terra-firme amazonenses, proporcionando vida digna aos(às) moradores(as), além de garantir a permanência deles(as) nos territórios de origem. Para Maldonado (2009), o TBC ajuda a estabelecer pactos de cooperação mútua que proporcionam equidade do trabalho desempenhado, características ocasionadas em virtude da prestação dos serviços de natureza turística. Assim, esse segmento oportuniza a produção da cultura local, aumenta a receita e contribui com a conservação e preservação do ambiente natural, podendo eliminar mazelas sociais, como o êxodo juvenil (CORIOLANO *et al.*, 2009).



Contudo Peralta (2012) pondera que a renda gerada com essa categoria de turismo ainda é muito baixa, falta apoio do poder público e ressalva que essa situação, em muitos casos, desestimula os(as) residentes. Eles(as) querem ver os resultados em curto prazo e, quando isso não acontece nos primeiros meses das atividades, muitos(as) desistem. Por isso, o incentivo e apoio dos órgãos públicos que organizam o turismo nesses territórios é fundamental.

Além disso, o TBC deve ocorrer de maneira associada e coletiva de modo que os(as) comunitários(as) organizem “arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo” (CORIOLANO, 2006, p. 201). Eles(as) serão os(as) articuladores(as) e construtores(as) da cadeia produtiva assegurando assim que os resultados financeiros fiquem na comunidade entre os(as) comunitários(as) contribuindo para melhorar as condições de vida de todos(as). Por isso, a necessidade de os (as) comunitários (as) estarem organizados (as), e, também, conscientes do que é o Turismo de Base Comunitária e quererem que a modalidade seja desenvolvida em seus territórios. Um dos caminhos para isso é que os(as) interessados(as) estejam cooperados(as) ou mesmo associados(as) e conheçam essa modalidade de turismo para, então, planejarem as atividades a serem desenvolvidas a curto, médio e longo prazo, com estabelecimento de metas e a criação de estratégias de formação, como cursos para agentes e guias turísticos, e sobre planejamento participativo e financeiro. Assim,

[...] essa formação passará pela qualificação de agentes turísticos nas comunidades para que possam além de desenvolver as atividades, serem capazes de elaborar novos roteiros turísticos, assim como de orientar e educar turistas e residentes para a conservação desses atrativos turísticos que tornará fonte de renda e até emprego para os comunitários (ALBARADO; MONTEIRO; SANTOS, 2016, p. 355).

A garantia dessa profissionalização na/da comunidade oportunizará aos(às) residentes participarem dos cursos e se capacitarem para acompanhar os(as) visitantes até aos atrativos mapeados, promover diálogos sobre a história da localidade, orientar sobre os cuidados durante a visita, responder às indagações do turista sobre o município, as comunidades, as manifestações culturais locais, enfim, possibilitar um ambiente informativo, agradável e





acolhedor, pois o(a) turista saindo contente da visitação será o(a) maior divulgador(a) da atividade.

Vale ressaltar que os(as) comunitários(as) não podem ficar reféns do TBC, essa atividade deve ser um complemento da renda das famílias, até porque o turismo comunitário s  existirá se existir a vida comunitária. Isso significa que devem estar conscientes de que não podem deixar de lado as atividades econ micas, sociais, ambientais e culturais que já fazem e que são os pilares da identidade comunitária (ALBARADO; MONTEIRO; SANTOS, 2016).

Cartografia dos Atrativos Turísticos em Comunidades Rurais Ribeirinhas

A Cartografia dos Atrativos Turísticos/CARTATU de cinco comunidades do lago Z  Açu foi viabilizada pelo Projeto de Pesquisa “Educa o Ambiental para o Turismo Comunitário Sustentável em Comunidades Rurais Ribeirinhas”/EATCSRR, vinculado à Universidade Federal do Amazonas por meio da Pró-reitoria de Inova o Tecnológica, com apoio financeiro do Observatório da Economia Criativa do estado do Amazonas. A identifica o dos atrativos como turísticos considerou a classifica o proposta por Araújo (2000), Ignarra (2003) e Neiman e Rabinovici (2010).

As comunidades escolhidas pelo projeto fazem parte do território de assentamento Vila Amazônica que abriga comunitários(as) que vivem em áreas de várzea e de terra firme. O mapa abaixo - produzido pela Nova Cartografia Social da Amazônia - apresenta a distribui o das comunidades localizadas no entorno do lago.



Imagem 03: Distribuição das comunidades da região do Zé Açú



A CARTATU foi realizada, em 2014, em conjunto com os(as) moradores(as) de cinco dessas comunidades, a saber: comunidade de Nossa Senhora de Nazaré, de Bom Socorro, de Boa Esperança, de Paraíso e de Nossa Senhora das Graças. Além de atrativos típicos do bioma amazônico, foram identificados

[...] uma série de produtos produzidos nas comunidades de maneira artesanal e que podem ser melhorados agregando valor para serem comercializados junto aos visitantes, assim como uma variedade de frutas e derivados da macaxeira e mandioca que podem ser servidos aos visitantes num café regional, além de criação de pequenos animais que podem servir de alimentos aos visitantes que desejarem saborear uma culinária da localidade (ALBARADO; MONTEIRO; SANTOS, 2016, p. 355).

A coleta de dados se deu durante rodas de conversa, entrevistas com os(as) moradores(as) mais antigos(as) das comunidades e visita aos atrativos naturais com registro fotográfico. Esses dados foram organizados em quadros com divisão por colunas. Na primeira coluna foram inseridas as categorias apontadas pelos(as) moradores(as) como: atrativos culturais e de eventos, artesanato, segurança alimentar, animais silvestres e natureza. Na segunda coluna consta a pergunta “O quê?” e na terceira, a pergunta “Quando?” Assim, os dados foram sendo inseridos pelos(as) moradores(as) nas linhas correspondentes às categorias, respondendo às respectivas perguntas. Essa metodologia de coleta tornou possível



não só listar os atrativos, mas saber onde estão localizados e quando podem ser desfrutados, conforme mostram os quadros 01, 02, 03, 04 e 05.

Vale ressaltar que, além dos atrativos identificados nas cinco comunidades, existem outros. Todavia, em virtude do limite do tempo da pesquisa, não foi possível registrá-los, principalmente os referentes à categoria ‘eventos’. Muitas atividades culturais que deixaram de ser realizadas - por falta de apoio do poder público e de iniciativa das próprias lideranças das comunidades - estão em fase de reavivamento como, por exemplo, o “Festival da Canção Rural” que era realizado todos os anos e envolvia as comunidades do entorno do lago.

Atrativos turísticos de cinco comunidades ribeirinhas do lago Zé Açú

Os atrativos turísticos das comunidades de Nossa Senhora de Nazaré, de Bom Socorro, de Boa Esperança, de Paraíso e de Nossa Senhora das Graças podem ser visitados, saboreados e contemplados no período de janeiro a outubro, quando o lago ainda está cheio e as embarcações chegam até o porto das comunidades. É possível também chegar às comunidades de carro, mas as estradas não ofereceriam condições de trafegabilidade durante o período da pesquisa.

O potencial turístico de cada uma das comunidades, descrito a seguir, poderia ser publicizado pelos órgãos de fomento do turismo amazônico e oferecido de maneira planejada aos(as) turistas brasileiros(as) e estrangeiros(as), uma vez que o município de Parintins está na rota do turismo nacional e internacional.

Atrativos Turísticos da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré

A comunidade de Nossa Senhora de Nazaré é rica em belezas naturais. É uma comunidade com área de várzea e de terra firme. Nela é possível fazer trilhas na floresta, passear de canoa por áreas alagadas, banhar-se nas praias, adquirir peças de artesanato produzidas pelos(as) comunitários(as), acompanhar a produção da farinha e de seus derivados. Há dentro dos limites geográficos de Nazaré nascentes importantes que abastecem o lago Zé Açú, bem como diversas espécies de aves, de peixes, de quelônios e de outros animais que servem também como fonte de proteína para os(as) moradores(as) (NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA, 2007). Durante a estada na comunidade, é possível a observação

de animais silvestres, acompanhamento da pesca artesanal desenvolvida pelos comunitários, participação nas festividades de Nossa Senhora de Nazaré, assim como assistir à apresentação de quadrilhas juninas e de boi bumbá.

Os animais de pequeno porte - fonte de proteína para os(as) moradores(as) - podem ser preparados e vir a compor cardápios da culinária local. Além disso, o(a) visitante poderá desfrutar da riqueza de frutas e raízes os quais podem ser saboreados *in natura* ou em sucos, compotas, bolos e doces.

Quadro 01- Atrativos turísticos da Comunidade de Nossa Senhora de Nazaré

Atrativos turísticos	O quê?	Quando?
Culturais e eventos	Quadrilha junina: assistir ou participar	junho
	Apresentação do Boi Bumbá da comunidade	Junho
	Produção da farinha e de seus derivados em Casa de Farinha	durante o ano
	Festa da padroeira Nossa Senhora de Nazaré	setembro
	Soltura de quelônios	junho ou agosto
	Atividades do Projeto Lixo Aquático	agosto
Artesanato	Artesanato em madeira: réplica de animais silvestres e dos meios de transporte	por encomenda
Segurança alimentar	Peixes: tambaqui, aracu, tucunaré, cará-açu. Criação de animais de pequeno porte: galinha caipira, porco e pato. Frutas: castanha da Amazônia, banana, manga, graviola, cana de açúcar, pupunha, açaí, bacaba, tucumã, biribá e cupuaçu. Raízes comestíveis: macaxeira, batata-doce e cará. Derivados da mandioca: tapioca, tucupi, beiju, farinha	durante o ano
Animal Silvestre	Animais silvestres: cigana, macaco, garça, mauari, jacaré, tatu e boto	período de cheia
Natureza	Paisagens naturais: florestas de várzea e terra-firme, áreas inundadas, praias, nascentes localizadas nas cabeceiras do Jacaré, do Inferno, do Betinho, do Bento, do Desaperto, do Laguinho, do Cebo, de Parintins e castanhal do Papel Amazônia	janeiro a outubro: período da cheia

Fonte: Albarado (2022)

Imagem 04 - Casa de produção de farinha



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Imagem 05 - Praia na comunidade



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Atrativos Turísticos da Comunidade Bom Socorro

A Comunidade Bom Socorro está ligada a outras comunidades tanto por via terrestre quanto fluvial. É considerada a comunidade polo da região do Zé Açu, e é onde se concentra o maior número de famílias. Dispõe de uma infraestrutura urbana básica como: comércios, restaurantes, escola que atende até o nono ano do Ensino Fundamental e o Ensino Médio tecnológico, posto de saúde com atendimento médico e uma ambulância para transportar os pacientes mais graves até ao hospital regional da cidade de Parintins.

A comunidade tem potencial turístico e condições para receber visitantes. Os principais atrativos naturais são as praias, as florestas inundadas na época de cheia, e os igapós, com possibilidade de observação de animais silvestres. Já os atrativos culturais são as festividades em honra à padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, as danças típicas como as Pastorinhas, as quadrilhas juninas e a Festa do Boi Bumbá Teimosinho. Os(as) visitantes podem ainda conhecer uma casa de farinha, acompanhar a produção artesanal da farinha e de seus derivados, como também adquirir peças de artesanato em tala de arumã (*Ischnosiphon spp.*) e em crochê produzidas por várias senhoras da localidade. É lugar com lindas paisagens e belíssimo pôr de sol, cabeceiras e nascentes de água doce que alimentam o lago Zé Açu. A Comunidade de Bom Socorro é conhecida como território dos índios Tupinambá. Lá, existe um local conhecido como área de pesca desses indígenas (NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA, 2007).

Quadro 02 - Atrativos turísticos da Comunidade Bom Socorro

Atrativos turísticos	O quê?	Quando?
Culturais e eventos	Dança As Pastorinhas	dezembro e janeiro
	Quadrilha junina e a festa do Boi Teimosinho	junho e agosto
	Casas de farinha: visitar e observar a produção	durante o ano
	Patrimônio: Igreja de Nossa Senhora de Bom Socorro	durante o ano
	Festividade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	junho
Artesanato	Artesanato em tala de arumã: peneira, paneiro e tipiti; e em crochê: roupas, panos de prato e outras peça	por encomenda
Segurança alimentar	Animais de pequeno porte: galinha caipira, pato e porco. Frutas: coco, banana, graviola, cana de açúcar, pupunha, açaf, abacate, tucumã, biriba, pajurá, abiu e cupuaçu. Raízes comestíveis: macaxeira, batata e cará. Derivados da macaxeira: beiju de tapioca, beiju de farinha e bolos	durante o ano
Animal Silvestre	Animais silvestres para observação: papagaio, macaco, garça, mergulhão, gavião, periquito, bem-te-vi e pombo	janeiro a setembro
Natureza	Paisagens naturais: floresta inundada, em terra-firme e no igapó	janeiro a setembro
	Paisagens naturais: praia Recanto da Morena, nascentes, cabeceiras do Boi, da Carranca, do Cafagé, do Campo Grande, do Itatinga, do Sebastião, do Pedro; e área de pesca onde habitaram os Tupinambás	janeiro a setembro

Fonte: Albarado (2022)

Imagem 06 - Praia na comunidade



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Imagem 07 – Atrativos naturais



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Atrativos Turísticos da Comunidade Boa Esperança

A Comunidade Boa Esperança fica distante 2 km da margem do lago Zé Açú. Durante o período da cheia - de janeiro a setembro - o acesso à comunidade é via fluvial. No período da seca chega-se à Boa Esperança pela estrada que a liga à comunidade de Bom Socorro. Os atrativos turísticos são também vários: praias, florestas inundadas, igapós, nascentes, igarapés, trilha aquática e em terra firme, festividade religiosa de São José, campeonato de futebol entre



Artigo licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional.

Relem, Manaus (AM), v. 14, n. 23, jul./dez. 2021.

as comunidades, corrida de pedestre, apresentação da Dança do Surucuá (nome de um pássaro amazônico) e de quadrilhas juninas.

Na comunidade, há um artesão que produz peças em tala de arumã (*Ischnosiphon spp.*) e em madeira. Há ainda casas de farinha que podem ser visitadas para observação de todos os processos de produção da farinha e de seus derivados. Os(as) visitantes podem ainda prestigiar as apresentações das Danças do Surucuá e das Pastorinhas. Como nas demais comunidades, os(as) moradores(as) mantêm a criação de pequenos animais como fonte de proteína, e a produção de raízes comestíveis e de frutas no terreiro de casa. Esses produtos podem ser degustados em pratos da culinária local ou apreciados *in natura*.

Quadro 03 - Atrativos turísticos da Comunidade de Boa Esperança

Atrativos turísticos	O quê?	Quando?
Culturais e eventos	Festa do Padroeiro São José	agosto
	Campeonato interlandino de futebol	novembro a dezembro
	Casa de farinha: produção da farinha e de seus derivados	durante o ano
	Dança do Surucuá, das Pastorinhas e de quadrilhas juninas	junho
Artesanato	Artesanato em tala de arumã: tipiti, peneira, cesta e abano; Artesanato em madeira: réplicas em miniatura de pássaros, remos, quadros, paisagens, peixes e animais silvestres	por encomenda
Segurança alimentar	Animais de pequeno porte: galinha caipira, pato e porco. Frutas do terreiro: coco, castanha, banana, graviola, cana de açúcar, pupunha, açaí, abacate, tucumã, biribá, cupuaçu. Raízes comestíveis: macaxeira, batata e cará. Derivados da macaxeira: tapioca, beiju e bolos	durante o ano
Animal Silvestre	Animais silvestres: papagaio, macaco, garça, socó, gavião, periquito, tucano, arara-azul e pombo	durante o ano
Natureza	Paisagens naturais: floresta inundadas, área de terra-firme e de igapó	janeiro a setembro
	Igarapé grande	durante o ano

Fonte: Albarado (2022)

Imagem 08 - Belezas naturais na comunidade



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Imagem 09 - Floresta inundada



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Atrativos Turísticos da Comunidade Paraíso

A Comunidade Paraíso está localizada em uma área de terra elevada, que proporciona ao visitante uma vista panorâmica do lago e as belas paisagens naturais. Há nascentes de água doce, animais silvestres, áreas para passeio de canoa por floresta inundada na época da cheia, áreas para trilhas por floresta de terra firme e pelo igapó; e ainda igarapé para banho. É uma comunidade de difícil acesso durante quase todo o ano. As visitas são mais recomendáveis no período de janeiro a setembro, quando é possível chegar de barco ao porto da comunidade (NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA, 2007).

Além das belezas naturais, há na comunidade Paraíso atrativos turísticos culturais. Eventos como a festividade em honra a São Sebastião e o Festival de Quadrilha Junina da região do Zé Açú que acontece nessa comunidade. Os(as) visitantes podem também adquirir artesanato em madeira, acompanhar a produção da farinha de mandioca e de seus derivados, saborear pratos preparados com a carne de animais criados nos terreiros e degustar raízes de macaxeira, batata e cará. Há ainda grande diversidade de frutas e de peixes.

Quadro 04 - Atrativos turísticos da Comunidade Paraíso

Atrativos turísticos	O que?	Quando?
Culturais e eventos	Apresentação de quadrilha junina	agosto
	Festival de Quadrilhas da região do Zé Açú	agosto
	Casa de farinha: observação da produção de farinha e de derivados da mandioca	janeiro a outubro
	Patrimônio histórico: prédio da Igreja de São Sebastião	agosto
Artesanato	Artesanato em madeira: miniatura de réplica de barcos, remos	por encomenda



Artigo licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional.

Relem, Manaus (AM), v. 14, n. 23, jul./dez. 2021.

	e canoas	
Segurança alimentar	Animais de pequeno porte: galinha caipira e pato. Peixes: traíra, cará, tucunaré e carau-açu. Frutas: castanha, banana, pupunha, tucumã. Raízes comestíveis: macaxeira, batata e cará. Derivados da macaxeira: tapioca, beiju e bolos	durante o ano
Animal Silvestre	Animais silvestres: garça, mauari e tamanduá	janeiro a outubro
Natureza	Paisagens naturais: floresta alagada, floresta de terra-firme, igapó, cabeceiras do Igarapé -Açu e da Mãe do rio	janeiro a outubro

Fonte: Albarado (2022)

Imagem 10 - Visão da comunidade para o lago Zé Açu



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Imagem 11 - Frente da comunidade



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Atrativos Turísticos da Comunidade Nossa Senhora das Graças

A Comunidade Nossa Senhora das Graças oferece belas paisagens naturais e a possibilidade de os(as) visitantes conhecerem várias cabeceiras⁴. É nessa comunidade que estão localizadas as nascentes de água doce que alimentam e dão vida ao lago Zé Açu (NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA, 2007). Esses locais podem ser visitados durante um passeio de canoa para apreciar a beleza das áreas de floresta alagada e de igapó. Há ainda as áreas de terra firme para a realização de trilhas. Nesses dois ambientes pode-se observar pássaros e outros animais silvestres em habitat natural. A alimentação oferecida aos(às) visitantes pode ser preparada a base de frutas e frutos da floresta, de peixes, pequenos animais criados no terreiro das casas, e de raízes como macaxeira, batata e cará. É também uma comunidade à qual o acesso se torna difícil no período da seca, por isso, a melhor época para visitá-la é no período de janeiro a setembro, via fluvial. Os(as) comunitários(as) podem

⁴ Local onde o rio nasce, em geral do afloramento de águas do lenço freático.

proporcionar aos(às) visitantes muitas manifestações culturais, como a festividade em honra a Nossa Senhora das Graças, a Festa do Boi Bumbá Furioso, além de oferecer peças de artesanato em tala de arumã (*Ischnosiphon spp.*) e madeira. Durante a visita é possível ainda acompanhar a produção de farinha de mandioca e de outros derivados da mandioca e da macaxeira.

Quadro 05 - Atrativos turísticos da Comunidade Nossa Senhora das Graças

Atrativos turísticos	O quê?	Quando?
Culturais e eventos	Festa do Boi Furioso	junho
	Casa de farinha: observação da produção da farinha e de derivados	durante o ano
	Festividades da Padroeira Nossa Senhora das Graças	junho
Artesanato	Artesanato em tala de arumã: tipiti, peneira, cesta, abano; e em madeira: réplica de pássaros, remos, quadros, bancos, paisagens, peixes e animais silvestres.	por encomenda
Segurança alimentar	Animais de pequeno porte: galinha caipira, pato, porco. Frutas: castanha, banana, cana, pupunha, açaí, patauá, tucumã, cupuaçu, caramuri. Raízes comestíveis: macaxeira, batata e cará. Derivados da macaxeira: tapioca, beiju, bolo, crueira e carimã	durante o ano
Animal Silvestre	Pato do mato, arara vermelha, papagaio, macaco, guariba, garça, socó, gavião, periquito, tucano e pombo Peixes: jaraqui, pacu, tucunaré e mapará	janeiro a outubro
Natureza	Paisagens naturais: floresta inundada, em terra firme, igapó, igarapé do Carranca, cabeceiras da Joaquina e do Papagaio	janeiro a outubro

Fonte: Albarado (2022)

Imagem 12 - Belezas Naturais na comunidade



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)

Imagem 13 - Frente da Comunidade



Fonte: Arquivo do Relatório da Pesquisa (2014)



Durante a pesquisa foi possível acompanhar a realização de duas atividades turísticas realizadas pela COOPAZÇU para demonstrar que é possível desenvolver o turismo nas comunidades da região do Zé Açu.

Atividades turísticas realizadas pela COOPAZÇU

A COOPAZÇU, como primeira ação para desenvolvimento da atividade de turismo de base comunitária ou turismo comunitário sustentável, construiu e comercializou um pacote turístico em março de 2015⁵. Os(as) visitantes tiveram assegurado transporte de lancha do porto de Parintins até o lago Zé Açu, café regional (café, leite, tapioca, tucumã, bolo de macaxeira e frutas), almoço (galinha caipira guisada ou à cabidela) e um passeio de canoa guiado pelos agentes turísticos da COOPAZÇU. O custo para fazer este roteiro foi de R\$ 60,00 (sessenta reais) por pessoa, com no mínimo 10 pessoas adultas e até 01 criança por pacote turístico. Os(as) interessados(as) fizeram as reservas com os agentes turísticos da COOPAZÇU. Além dessa proposta, foram criadas outras que, inclusive, foram acompanhadas pela equipe de pesquisadores do projeto.

A primeira visita ocorreu em 2015 quando os(as) cooperados(as) receberam um grupo de 18 estudantes do Campus de Manaus da Universidade Federal do Amazonas. Os acadêmicos, acompanhados por dois professores, embarcaram no porto da cidade de Parintins de onde partiram para a comunidade de Nossa Senhora de Nazaré. Depois de visitar essa comunidade, já no final da tarde, seguiram para Bom Socorro, onde pernoveram. No dia seguinte, com agentes turísticos locais, passearam de canoa até algumas cabeceiras, conheceram as nascentes do lago Zé Açu, as praias, as florestas inundadas e as florestas de terra-firme.

A segunda visita ocorreu em 2016 à comunidade de Nossa Senhora de Nazaré, com apoio da Incubadora Amazonas Indígena Criativa (InIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Foram vendidos mais de 20 pacotes a R\$ 20,00 cada, estando incluso transporte ida e volta no trecho Parintins-Comunidade, café da manhã regional, almoço (peixe assado, galinha caipira ou pato no tucupi). Os(as) visitantes fizeram caminhadas pelas trilhas na terra firme, passearam de canoa e aproveitaram a praia da comunidade. Para fazer a trilha

⁵ Para divulgação foi criado o blog da COOPAZÇU - <https://coopazcu.blogspot.com>



e/ou passear de canoa, o(a) visitante interessado (a) contribuiu com a quantia de R\$ 3,00. Eles(as) ainda puderam, contribuir com R\$ 5,00, na campanha “adote um filhote de quelônio e solte”. Na ocasião os(as) comunitários(as) comercializaram água mineral, frutas e sucos de frutas aos visitantes.

Imagem 14 - Caminhada em trilha



Fonte: Arquivo da COOPAZÇU (2015)

Imagem 1 - Soltura de quelônios no lago Zé Açú



Fonte: Arquivo da COOPAZÇU (2016)

Essa atividade turística que ocorreu *na e pela* comunidade e na qual os(as) residentes foram os(as) protagonistas responsáveis pelo pacote turístico desde o planejamento até o gerenciamento final da atividade pode ser classificada como turismo comunitário e sustentável ambientalmente, socialmente e economicamente. De acordo com Coriolano *et al* (2009), esses são princípios que devem nortear o turismo de base comunitária em comunidades tradicionais.

Essa modalidade de turismo é a que mais tem crescido no mundo. Em 2004, o ecoturismo teve crescimento três vezes maior que o turismo comumente realizado, apontou o estudo da Sociedade Internacional de Ecoturismo Comunitário (FACO; NAIMAN, 2010). Portanto, a procura por esse tipo de turismo junto às comunidades tradicionais e à natureza desponta como uma alternativa para a conservação e preservação da Amazônia, além de ser, mais uma fonte de renda para os povos que nela residem e re-existem.



Análise e discussão dos dados

Para Diegues (1996), as comunidades tradicionais, em sua maioria, dependem quase e, exclusivamente, dos recursos naturais renováveis. Os(as) moradores(as) dessas comunidades guardam na memória saberes sobre o modo de manejo dos elementos da fauna e flora e os transferem oralmente aos descendentes. O domínio desse conhecimento lhes assegura o sentido de pertença ao território que se lhes apresenta como *locus* de reprodução social, ambiental e econômica. Assim, dedicam-se mais às atividades de sustentação da vida na retroalimentação do *bem viver* do que às atividades de acúmulo de capital, como a sociedade moderna e capitalista faz (ACOSTA, 2016).

As cinco comunidades cujos atrativos turísticos foram descritos neste artigo ainda valorizam os aspectos simbólicos para além dos laços de consanguinidade e preservam as relações de compadrio e parentesco, assim como usam técnicas de produção que não agredem e nem depredam a natureza. Então, a atividade turística que elas vêm desenvolvendo, “enquanto prática social e atividade comercial, pode assumir uma versão étnica quando vivenciada, sobretudo, através de atividades de ecoturismo” (JULIANO; RABINOVICI, 2010, p. 210).

As comunidades da região do Zé Açu, como vimos, ainda mantêm vivos os princípios e características do *bem viver*, o que as tornam potenciais para a realização de turismo comunitário sustentável, pois além de oferecerem o seu *bem viver* podem proporcionar ao visitante: lazer, contato com a natureza, saberes e sabores amazônicos sem gerar tanto impacto ao meio ambiente e às culturas originárias. Assim sendo, o TBC desponta como mais uma estratégia de fortalecimento de laços, de relações sociais, assim como de resistência e de forma de dar visibilidade aos aspectos culturais tradicionais e identitários de cada comunidade (JULIANO; RABINOVICI, 2010).

Considerações Finais

Conforme foi descrita e analisada ao longo do texto, a experiência de TBC realizada pela COOPAZÇU assegurou o protagonismo comunitário, pois os(as) moradores(as) planejaram os roteiros, os pacotes, receberam, acompanharam a estada e alimentaram os(as)



visitantes, enfim, foram responsáveis por todo o processo e, também, foram beneficiados solidariamente com a atividade turística realizada no território.

Para tanto, foi imprescindível o apoio do projeto que realizou a cartografia dos atrativos turísticos, a discussão dos comunitários sobre como fazer a atividade e, sobretudo, a criação da cooperativa. Cada etapa foi fundamental para demonstrar que as comunidades dispõem não só de atrativos turísticos, mas de recursos humanos para dar continuidade a essa modalidade de turismo que, além de aumentar a renda familiar, também contribui para manter viva a diversidade cultural e biológica que, ao longo de décadas, vem garantindo a permanência e a existência dos(as) comunitários do Zé Açú como remanescentes de povos originários e tradicionais da Amazônia brasileira.

As duas atividades piloto de turismo comunitário desvelaram que a manutenção da atividade não depende só dos(as) comunitários(as), é preciso cobrar dos governos municipal, estadual e federal a promoção constante de cursos de capacitação técnica nas comunidades, investimentos na melhoria da infraestrutura de hospedagem e de transporte, a fim de garantir uma imersão segura e positiva aos(as) turistas.

Além disso, parece-nos importante ressaltar que o TBC, como o proposto pela COOPAZÇU, possibilitou aos envolvidos perceber que a preservação e conservação dos recursos naturais e a manutenção das atividades sociais, culturais e de produção agroecológica das comunidades devem estar em primeiro plano e que os benefícios financeiros advindos do TBC são mais uma alternativa de geração de renda que o *bem viver* herdado de seus antepassados lhes assegura.

Referências

ALBARADO, E. da C; MONTEIRO, I. M; SANTOS, N. da S. Educação Ambiental para o Turismo Comunitário Sustentável em Comunidades Rurais Ribeirinha. In: CHAVES, M. do P. S. R; CARVALHO, N. L. A (orgs.). **Economia criativa: a experiência do observatório estadual de Economia criativa do Amazonas**. Manaus: EDUA, 2016.

ACOSTA, A.. **Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**, São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ARAÚJO, J. G. F. **ABC do Turismo Rural**. Viçosa, MG: Aprender Fácil, 2000.



Artigo licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional.

Relem, Manaus (AM), v. 14, n. 23, jul./dez. 2021.



RELEM – Revista Eletrônica Mutações

©by Ufam/Fic/Icsez

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo rural**: orientações básicas. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CORIOLOANO, L. N. de M. T. et al. **Arranjos Produtos Locais do Turismo Comunitário**: Atores e Cenários em Mudança. Fortaleza: EDUECE, 2009.

CORIOLOANO, L. N. de M. T. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

DIEGUES, A. C. O mito do paraíso desabitado: as áreas naturais protegidas. In: FERREIRA, L. D. C; VIOLA, E. **Incertezas de sustentabilidade na globalização**. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 279-318. (Coleção momento).

FACO, R. A; NEIMAN, Z. A Natureza do Ecoturismo: conceitos e segmentos. In. NEIMAN, Z; RABINOVICI, A. **Turismo e Meio Ambiente no Brasil**. Barueri, SP: Manole, 2010.

JULIANO, T; RABINOVICI, A. Turismo em território indígena. In. NEIMAN, Z; RABINOVICI, A. **Turismo e Meio Ambiente no Brasil**. Barueri, SP: Manole, 2010.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo, Pioneira Thomson Learnig, 2003.

MALDONADO, C. O Turismo Rural Comunitário na América Latina. In: BARTHOLO, R. SANSOLO, D. G; BURSZTYN, I. **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

MITRAUD, S. **Manual de ecoturismo de base comunitária**: ferramentas para um planejamento responsável. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

NEIMAN, Z; RABINOVICI, A. **Turismo e Meio ambiente no Brasil**. Barueri, SP: Manole, 2010.

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZONIA/Realização Comissão Pastoral da Terra - Região do Zé Açu; Manaus-AM, junho de 2007 (Fascículo 16 - Ribeirinhos da Região do Zé Açu em defesa de sua história e da Natureza).

PACHECO, J. B. **Uso e ocupação da terra e a sustentabilidade ambiental da dinâmica fluvial das microbacias hidrográficas Zé Açu e Tracajá na Amazônia Ocidental**. Tese (Doutorado). Pós-graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

PERALTA, N. **Ecoturismo de base comunitária na Amazônia**: uma análise comparativa. Revista Acadêmica - Observatório de Inovação do Turismo. Rio de Janeiro: vol. VII, nº 1 ABR, 2012.

RAMALHO, A. L; SILVA, P. B; RABINOVICI, A. **O Turismo no Contexto da Sustentabilidade**. In. NEIMAN, Z; RABINOVICI, A. Turismo e Meio Ambiente no Brasil, 2010.

RIBEIRO, E. M. **Prospectiva e Sustentabilidade do Ecoturismo**: uso da técnica de construção de cenários no Estado do Amazonas. Brasília, 2013, 210 p.: il. (Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília).



Artigo licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional.

Relem, Manaus (AM), v. 14, n. 23, jul./dez. 2021.



RELEM – Revista Eletrônica Mutações

©by Ufam/Fic/Icsez

SOUZA, J. C. R. de. **Parintins**: uma ilha urbanizada. Manaus, 1998. 60f. (Monografia do Bacharelado em Geografia). Instituto de Ciências Humanidade e Letras – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. PROTEC - Observatório de Economia Criativa do Estado do Amazonas. **Relatório do Projeto Educação Ambiental para o turismo comunitário sustentável em comunidades rurais ribeirinhas**. Manaus, 2014.

112

Agradecimentos

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.



Artigo licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional.

Relem, Manaus (AM), v. 14, n. 23, jul./dez. 2021.